



Cristãos na Ciência

ANO 2 - BOLETIM 2 - JULHO DE 2016

I CONFERÊNCIA NACIONAL CRISTÃOS NA CIÊNCIA DOIS LIVROS, UM AUTOR

O projeto Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²) promoverá, entre os dias 17 a 19 de novembro, a I Conferência Nacional Cristãos na Ciência, sob o título Dois Livros, Um Autor- Deus, suas escrituras e sua criação. O evento vai contar com a presença de grandes nomes do discurso mundial sobre ciência e fé cristã. O objetivo principal da conferência é aprofundar a reflexão acerca do diálogo entre fé e ciência, desmistificando o conflito que alguns acreditam existir entre as duas áreas. (Leia na página 6)



ALISTER McGRATH

Professor de Ciência e Religião na Universidade de Oxford fala sobre como a ciência e a religião se relacionam no contexto das muitas mudanças culturais que as rodeiam. (Leia na página 2)



Curso online CIÊNCIA E FÉ

O projeto da ABC² em parceria com a AKET oferece para você o curso online CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ, uma excelente oportunidade de aprendizagem à distância (Leia na página 10)

GRUPO DE ESTUDOS

Em Goiânia, o grupo está funcionando desde o segundo semestre do ano passado e já é possível ver os frutos. Goiânia é uma das cidades-pólo da ABC², sempre reunindo grandes grupos em nossos encontros e apoiando nossas divulgações. Confira como o grupo está funcionando e como é fácil criar um em seu Estado! (Leia na página 9)

Editorial

UMA CONVERSA SIGNIFICATIVA

por Alister McGrath/tradução: Moisés Lisboa
Fonte: Huffington Post

O enorme interesse público na recente visita do Papa aos Estados Unidos chamou a atenção para um dos enigmas culturais do início do século XXI: a persistência da religião em um *framework* secular. Enquanto alguns acreditavam que a ascensão de uma cultura secular levaria à morte lenta e inevitável da religião, o que temos visto é o surgimento de um padrão muito diferente. A religião está mudando, adaptando-se a um novo panorama cultural e encontrando novas formas de expressão e existência.

As pessoas frequentemente associam a ascensão do secularismo ao progresso científico. Em seu importante trabalho, *“A secular Age”*, Charles Taylor discorre sobre o surgimento do que ele chamou de um “quadro imanente” (*immanent frame*), um hábito automático de pensamento que vê o universo como autocontido e autorreferencial. O que Taylor descreve aqui é uma predisposição cultural – uma forma axiomática de ver e conceber o mundo – que simplesmente exclui ou marginaliza o divino por questão de princípio. É “impensável” acreditar em algo diferente disso; de fato, ir contra essa mentalidade cultural é visto como algo irracional. Mas mesmo diante de tal cenário, a religião continua a ser uma presença significativa dentro de uma cultura científica, ainda que, como sugeriu a novelista Flannery O’Connor, a cultura americana possa ser mais “assombrada por Cristo” que “centrada em Cristo”.

Isso naturalmente levanta uma questão importante: como a ciência e a religião se relacionam em um contexto como esse? A resposta culturalmente dominante, reciclada repetidamente por formadores de opinião preguiçosos, é que a ciência está associada às evidências e fatos, enquanto a religião está associada à fé cega. As duas estão condenadas a um relacionamento de guerra perpétua, ou, na melhor das hipóteses, à fria indiferença – sem possibilidades de conversas significativas – proposta pelo falecido Stephen Jay Gould.

Entretanto, a utilidade e plausibilidade de tais abordagens enfrentam problemas muito sérios. O grande revisionismo histórico dos últimos 40 anos deixou o modelo do “conflito” da relação entre ciência e religião (desenvolvido por razões polêmicas no fim do século XIX) muito enfraquecido diante das demonstrações acadêmicas de sua inadequação com relação às evidências. Como Peter Harrison mostra de forma clara em seu recente livro magistral, *The Territories of Science and Religion* (2015), nosso entendimento do que é ciência e religião é culturalmente determinado. Não há nenhuma característica essencial da ciência ou da religião que determina o relacionamento adequado entre elas. A interação histórica entre ciência e religião envolve elementos de tensão em alguns momentos e elementos de sinergia e colaboração em outros. Mas não existe um modelo universal, nenhum *slogan* perspicaz e simples que captura a essência da relação complexa e dinâmica entre elas.

Isso não impediu alguns de inventarem uma explicação normativa da relação entre elas que servisse às suas próprias agendas.

O neoateísmo, que recebeu atenção pública na primeira década do século 21, viu a ciência como uma arma em sua batalha vacilante contra a presença da religião na cultura americana. Christopher Hitchens, uma das vozes mais estridentes dentro desse movimento, reescreveu (com grande entusiasmo) a história para mostrar um padrão claro de obscurantismo religioso diante do avanço científico.

Devido a restrições de espaço, discutiremos apenas um exemplo dos famosos pronunciamentos oraculares de Hitchens. Ele está correto quando diz a seus leitores que o escritor cristão, Timothy Dwight (1752-1811), um antigo presidente de Yale College, era contrário à vacinação contra varíola. Para Hitchens, o erro de julgamento de Dwight é típico da mente retrógrada das pessoas religiosas. Essa conclusão superficial é perturbadoramente pobre em termos de evidências e excessiva em seu tom de ridicularização. Hitchens, sem sombra de dúvidas, está correto em usar a vacinação contra varíola como um exemplo de hostilidade ao avanço científico, e em dizer que Dwight se opôs a essa vacinação. Mas as conclusões simplistas às quais ele chega apenas revelam seus próprios preconceitos e compromissos ideológicos profundamente enraizados. A situação é muito mais complexa e, de forma obstinada, ela não se conforma à narrativa de conflito que Hitchens abraça de forma tão acrítica. Vou oferecer dois contraexemplos para demonstrar o que estou dizendo.

Claramente, Hitchens acredita que a vacinação contra varíola é uma coisa boa, de forma que aqueles que se opõem a ela devem ser condenados e aqueles que a defendem devem ser louvados. Mas na geração que antecedeu Dwight, Jonathan Edwards (1703-1758), considerado hoje o maior pensador cristão americano, foi um ardente defensor da vacinação contra varíola. Edwards chegou até mesmo a voluntariar-se para receber a vacina, com o objetivo de mostrar a seus estudantes em Princeton que esse novo procedimento médico era seguro. A vacina não teve sucesso e Edwards morreu pouco tempo depois de recebê-la.

Infelizmente, esse viés perturbador é corroborado ainda mais pela impressionante ausência de qualquer menção por parte de Hitchens ao fato de que George Bernard Shaw (1856-1950), o influente escritor ateu, se opôs à vacinação contra varíola em 1930, ridicularizando-a como uma ilusão e uma “obra imunda de bruxaria”. Ele acusou cientistas proeminentes, cujos trabalhos claramente suportavam a vacinação – como Louis Pasteur e Joseph Lister –, de serem charlatões que não sabiam nada sobre o método científico. E o pior de tudo é que Shaw fez tais afirmações absurdas no século XX.

Continuar dando mais exemplos não faz muito sentido. Em vez disso, o que precisamos é elaborar um modelo de compreensão mais adequado para entender a ciência e a religião. As duas continuam sendo presenças significativas na cultura americana. A rejeição deliberada à possibilidade de qualquer diálogo significativo

ALISTER McGRATH

É professor de Ciência e Religião na Universidade de Oxford, diretor do Ian Ramsey Centre for Science and Religion da Universidade de Oxford, Pesquisador Sênior Associado no Harris Manchester College da Universidade de Oxford, presidente do Oxford Centre for Christian Apologetics, Professor de Divindade do Gresham College, clérigo associado em um grupo de paróquias da Igreja da Inglaterra. Possui pós-doutorado em biofísica molecular e doutorado em teologia pela universidade de Oxford.

Seu interesse principal se concentra na história do pensamento cristão, com ênfase particular na relação entre as ciências naturais e a fé cristã. Ex-ateu, o Dr. McGrath é considerado um dos mais influentes pensadores cristãos da atualidade. Ele é autor do livro, *“The Big Question: Why we can’t stop talking about Science, Faith and God”* (St. Martin’s Press).



entre dois dos mais importantes elementos dessa cultura (ciência e religião) provavelmente irá contribuir para a sua balcanização. Entretanto, existem possibilidades de diálogo e enriquecimento mútuo para aqueles dispostos a assumir riscos e permitir que a ciência e a religião tenham uma conversa significativa.

Essa é a abordagem que adoto em meu novo livro, *“The Big Question: Why we can’t stop talking about Science, Faith and God”*. O livro é uma narrativa de minha própria jornada de 40 anos para encontrar formas de integrar ciência e fé de uma maneira que enriquece e informa a ambas. Quando jovem, ao iniciar meus estudos científicos na Universidade de Oxford, eu assumi a visão de que a religião era algo completamente sem sentido, resultado de ignorância, e que ela rapidamente seria eliminada pelo progresso científico. O livro conta como eu gradualmente me desencantei com essa abordagem, à medida que fui percebendo sua implausibilidade intelectual e entendi que os seres humanos precisam de mais do que apenas de uma descrição do mundo para viver a vida de forma significativa e informada.

Só mais tarde eu li o grande filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), o qual, ao discutir essa questão, foi capaz de ir direto ao ponto de uma forma muito mais eficaz do que eu conseguiria. Cientistas são seres humanos. Se, como seres humanos, queremos viver de forma plena, nós precisamos de algo além da descrição parcial da realidade que a ciência pode nos oferecer. Precisamos de uma “imagem do todo”, uma “ideia integral do universo”. Ortega descreveu a questão assim. Qualquer filosofia de vida, qualquer forma de pensar sobre as questões que realmente importam, terá que ir além da ciência – não porque exista algo errado com a ciência, mas, precisamente, porque as substanciais virtudes da ciência são obtidas por um preço. A ciência funciona tão bem por ser tão focada e específica em seus métodos.

A verdade científica é caracterizada por sua precisão e pela certeza de suas previsões. Mas a ciência alcança essas admiráveis qualidades ao custo de permanecer no nível das questões secundárias, deixando as questões últimas e decisivas intocadas.

Para Ortega, a grande virtude intelectual da ciência é que ela sabe seus limites. Ela responde apenas às questões que ela sabe que pode responder com base nas evidências. Entretanto, como seres humanos, nós queremos ir mais longe. Precisamos de respostas para as questões mais profundas que não podemos deixar de perguntar.

O livro, *“The Big Question”*, explora como podemos desenvolver múltiplos mapas da realidade que nos permitam elaborar uma “imagem do todo” da vida; uma parte desse todo é revelada pelas ciências naturais, outra, pela religião. O livro reconhece os limites da ciência e da religião e insiste que nós respeitemos e trabalhemos dentro desses limites. Tenho certeza de que o livro não será apreciado por fundamentalistas de nenhuma espécie, científica ou religiosa, que insistem que sua abordagem, por si só, pode nos dizer tudo que precisamos saber sobre a vida. Mas vivemos em um mundo complexo, e nenhuma forma isolada de tentar compreendê-lo é boa o bastante para lhe fazer justiça. Como disse a filósofa Mary Midgley (de forma muito sensata): “Para as questões mais importantes na vida, várias caixas de ferramentas conceituais diferentes precisam ser utilizadas em conjunto”.

A narrativa dominante do conflito entre ciência e religião já está ultrapassada; ela pertence ao passado. Em seu lugar, eu proponho uma narrativa de enriquecimento que, embora crítica, é também positiva. Não há nada novo nessa proposta. Estou apenas recuperando e atualizando um modelo mais antigo, que remonta à Renascença. Isso exige diálogo e humildade, e uma disposição para reconhecer a complexidade das coisas. Richard Dawkins e outros como ele levantaram boas perguntas; entretanto, as respostas que foram dadas são inadequadas. Está na hora de explorar outra abordagem. Acima de tudo, precisamos encontrar uma forma de lidar com aquilo que John Dewey declarou ser o “problema mais sério da vida moderna” – que nós falhamos em integrar nossos “pensamentos sobre o mundo” com nossos pensamentos sobre “valor e propósito”. A Renascença fazia isso muito bem. Talvez esteja na hora de recuperar sua visão.



Entrevista

Diálogo entre ciência e religião
nas faculdades teológicas
e seminários

por REV. DR. DAVI GOMES
Chanceler da Universidade
Presbiteriana Mackenzie

Qual o lugar da fé cristã na universidade?

Na minha opinião, o conceito de uma universidade surge dentro da igreja, no contexto da cristandade. Alguém poderia dizer que a universidade é herdeira da Academia de Atenas, mas isso não está correto. A universidade medieval surge com a possibilidade de reunir várias áreas do conhecimento humano de forma que seja vista uma integração coerente entre elas. Daí o nome “universidade”: a unidade na diversidade. Esse é o conceito original das universidades que surgem anos antes da Reforma Protestante.

A proposta principal era um olhar único para a diversidade. Se a ideia fosse apenas a de obter diversas visões sobre uma mesma coisa, deveríamos pensar em algo como pluriversidade ou pluriunidade. Mas é fato que todos usamos óculos em todo o tempo para observarmos as coisas. A questão está no tipo de óculos que se usa, no tipo de lente que se escolheu para avaliar algo. Se você olha a realidade na perspectiva da eternidade, você encontra unidade em aspectos aparentemente disparatados e distintos. Integrando-os mais facilmente. A fé cristã faz exatamente isso. Em que sentido este saber teológico pode ser científico? O saber teológico pode ser visto de duas formas:

- a teologia do ponto de vista da axiomatização, que é um dos conceitos derivativos da Revelação – pois, se não for pela Revelação, a teologia se torna estudo religioso, religião, fenomenologia religiosa;

- e a teologia a partir de um pressuposto de relação (considerando que algumas axiomatizações são o transformar de compreensões e experiências que surgem no fluxo da vida de uma forma integral e ingênua). Nesse caso, a teologia se torna quase uma aproximação científica. Ela se torna uma ciência, na qual você processa as

evidências, cria leis e conceitos inicialmente fortes, experimenta um universo cada vez mais amplo e eventualmente trabalha com essas hipóteses, atribuindo a elas o valor de lei.

Na nossa concepção científica contemporânea, sabemos que não criamos leis da ciência; nós as descobrimos. Sempre dizemos que estamos trabalhando com uma certa hipótese que está tendo peso de lei. Nesse sentido, ela é sempre penúltima, porque nós reconhecemos que podemos errar; essa possibilidade é mantida.

“Se você olha a realidade na perspectiva da eternidade, você encontra unidade em aspectos aparentemente disparates e distintos. Integrando-as mais facilmente. A fé cristã faz exatamente isso.”

Neste contexto, como fazer sentido da diversidade entre as ciências?

Nesse entendimento da ciência, o que muda de uma ciência para outra é o objeto de estudo- e, conseqüentemente, os meios utilizados para estudá-lo. Tomás de Aquino fala em uma de suas obras sobre a distribuição e os métodos da ciência como parte do seu



comentário da obra de Boécio sobre a Trindade. Nesse comentário, ele discute metodologia científica e classifica as ciências. Tomás diz que há algumas ciências nas quais você trabalha com a inteligência e outras nas quais você trabalha com a compreensão. Ele mostra a diferença e as divisões dos métodos das ciências baseado naquilo que se usa do aparato cognitivo para processar informação e obter conhecimento. Essa forma de distinção é semelhante à que fiz acima entre a fenomenologia da religião e a teologia (que parte da Revelação).

Como integrar essa diversidade a partir de uma fé coerente?

Por diversas vezes ouvimos pessoas falarem que gostariam de fazer uma integração entre a fé e a sua área de conhecimento. Nos anos 70 e 80, muitas pessoas falavam que queriam fazer uma integração entre a psicologia e a fé. Esse pensamento era decorrente de uma escola que se chama Integracionismo.

Aprendi algo importante, ouvindo um senhor chamado Larry Crabb, que foi professor do meu pai - e eu, como adolescente, ouvi algumas de suas palestras dele. Ele dizia assim: "o duro é quando você quer fazer a integração entre a psicologia e a teologia. Ou você chega para fazer a integração com PhD em Psicologia e um conhecimento teológico de escola dominical, ou você chega com PhD em Teologia e um conhecimento de psicologia do tipo manual de autoajuda". Isso nunca vai dar certo - sejamos realistas.

Como, então, esse diálogo deveria acontecer? Ele deveria acontecer a partir de duas frentes: a daqueles que almejam um conhecimento científico direto, teórico ou aplicado; e a daqueles que gostariam de refletir, por exemplo, sobre metaciência - isso é: o que vem antes do fazer científico, (a discussão da filosofia da ciência e dos métodos da ciência). Quando se consegue atuar dessas duas formas, deve-se ter o conhecimento dos pressupostos cristãos que guiarão a conceituação básica (sobre a natureza das coisas), denunciando pressupostos que, de fato, são pressupostos adotados para tentar fugir da questão de Deus.

No seu caso como você buscou essa integração?

Nós precisamos ter pessoas sérias fazendo o trabalho dentro da filosofia da ciência. Isso foi o que me moveu a desenvolver minha pesquisa acadêmica - como alguém com muito interesse, mas amador em aspectos da ciência, como física e astronomia. Uma vez ouvindo o Larry, fiz uma pergunta para ele sobre quais eram as suas influências e ele citou o Michael Polanyi.

Fiquei curioso, fui estudar e acabei escrevendo a minha tese de doutorado com base em Polanyi, analisando a sua proposta (uma filosofia pós-crítica) e uma aproximação das ciências - reconhecendo que elas estão a serviço e totalmente dependentes de certos princípios transcendentais sem os quais elas não podem existir e que não podem ser explicados nem reduzidos a elas.

Como essa dependência de pressupostos se dá no processo científico?

A ciência depende de pressupostos e, em seus melhores momentos, ela faz uso deles. No entanto, um relato que um cientista faz do seu trabalho é romântico; ele deixa sempre algo de fora. É como quando vamos descrever algo que vivemos e escolhemos o

que vamos contar, deixando alguns pontos de fora, de forma que se alguém tentar reproduzir o que contamos, não consegue fazer o mesmo. Acredito que, se os cientistas fossem um pouco mais exatos e cuidadosos em seus relatos, eles descreveriam o seu trabalho científico de maneira muito mais análoga ao que eu chamo, seguindo Polanyi, da estrutura paulina da descoberta científica.

Porque, no final, a investigação científica é sempre um processo de fé, amor e obras. É um processo no qual a crença de que algo tem o potencial de se manifestar para mim faz com que eu me apaixone por buscar aquilo e por isso trabalhe arduamente. Ou seja: fé, amor e obras, na esperança de que a recompensa venha de fora.

Eu vi o que é o trabalho de um pesquisador movido pela sua fé científica! Naquele momento, ele se apaixona por um certo tipo de pesquisa e labuta arduamente na esperança de ser recompensado. Essa recompensa é sempre um momento no qual ele exclama "Eureka! Descobri! Caiu!". O termo "descoberta" significa, então, que o pesquisador não está inventando algo, ou tirando-o do vácuo. Para mim, isso tem tudo a ver com toda a conceituação do que é Revelação, na natureza de uma epistemologia, que só acha explicação em pressupostos cristãos. O diálogo entre ciência e fé cristã deveria levar isso em conta.

"Porque, no final, a investigação científica é sempre um processo de fé, amor e obras."

E como o teólogo deve se posicionar nesse diálogo?

Ao mesmo tempo é importante que esse diálogo seja feito de forma que quem está trabalhando com teologia entenda que ele também está trabalhando com axiomatizações. Se você quiser teorizar no campo teológico e entender como realmente algo funciona ou deveria funcionar, você precisa entender as diferenças de cada categoria teológica: exegética, bíblica, sistemática, filosófica -apologética, pastoral e histórica.

Este é o ciclo do fazer teológico, um processo semelhante ao de desenvolvimento científico. Nesse sentido, o diálogo deve acontecer e precisa acontecer, porque são saberes quase siameses. Eles são interligados.

Talvez você se pergunte: "qual é mais importante, a teologia ou a ciência?". Acredito que, ao se perguntarem isso, as pessoas estão fazendo uma pequena confusão. O mais importante é a Revelação. Mas o refletir teológico tem diferentes graus de trabalho axiomático e científico nele. De fato, a teologia ajuda a formular a cosmovisão cristã, mas isso é mais do que somente axiomatização teológica. A cosmovisão cristã funciona em um nível pressuposicional; de óculos pressuposicionais sobre a natureza da realidade e os seus fenômenos. Eu visto esses óculos para analisar os dois livros que Calvino falou que precisavam ser lidos. Ele fazia referência aos livros das Escrituras e ao livro da Natureza. O conhecimento desses dois livros me leva a conhecer a Deus. Portanto, para Calvino, os conceitos centrais das Escrituras são óculos que eu uso para olhar de volta para as Escrituras e para o mundo criado.

I CONFERÊNCIA NACIONAL CRISTÃOS NA CIÊNCIA

DOIS LIVROS, UM AUTOR

17 a 19 de Novembro de 2016

Conferência vai reunir preletores mundiais para falar sobre Fé e Ciência

O projeto Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²) promoverá, entre os dias 17 a 19 de novembro, a I Conferência Nacional Cristãos na Ciência, sob o título Dois Livros, Um Autor - Deus, suas Escrituras e sua Criação. Os eixos temáticos serão: o Livro das Escrituras, com ênfase na interpretação bíblica de Gênesis 1 a 3; o Livro da Natureza, com ênfase na discussão sobre teologia natural e filosofia da ciência e religião; e Modelos de atuação no diálogo entre ambos os livros.

O evento vai contar com a presença de grandes nomes do discurso mundial sobre ciência e fé cristã. O objetivo principal da conferência é aprofundar a reflexão acerca do diálogo entre fé e ciência, desmistificando o conflito que alguns acreditam existir entre as duas áreas.

A Conferência será realizada na Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo e as inscrições estarão abertas a partir de julho. Serão três dias intensos de evento com palestras e debates. Teremos condições especiais para integrantes dos grupos de estudos do projeto. Para participar basta ter interesse no tema e acompanhar o conteúdo disponível no portal da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência para se familiarizar com os termos e conceitos básicos.

PROJETO DA ABC²

O Projeto da ABC² é uma iniciativa da Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET) com o apoio da Templeton World Charity Foundation (TWCF). Seu objetivo é promover a comunicação e a integração entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil, por meio da constituição da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência.

A Missão da futura ABC² será, portanto, operar como uma embaixada de sentido entre o universo da fé cristã e o universo da ciência. Nesta qualidade, ela promoverá o diálogo aberto, honesto e respeitoso entre esses dois campos, tendo sempre em conta a liberdade e a soberania das respectivas esferas sociais e as finalidades intrínsecas e próprias de cada esfera, mas buscando o avanço do conhecimento integral acerca do homem e sua relação com Deus e a natureza, a partir de uma perspectiva cristã. Seu interesse é, simultaneamente, o testemunho cristão e a teologia pública, por um lado, e o ensino e a divulgação científica de forma contextualizada ao universo da fé, por outro.

A ABC² não pretende controlar ou interferir nos procedimentos, processos ou instituições internas aos dois campos, nem se arvorar legisladora sobre a natureza da ciência ou da fé, mas tão somente auxiliar os cristãos que pertencem aos dois campos a melhor integrar suas vocações científica e espiritual. Portanto, não será seu papel arbitrar sobre pontos controversos na interação entre fé cristã e ciência, mas sim oferecer-se como fórum aberto para debates de alto nível, de forma que eventuais discordâncias entre seus associados possam resultar em diálogo produtivo e aprofundamento dos temas em questão.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

As inscrições estarão abertas através do site www.cristaosnaciencia.com.br/conferencia com lotes promocionais. Vamos fornecer indicações de hotéis, restaurantes e muito mais para facilitar a sua chegada e permanência em São Paulo durante o evento. Você não pode ficar de fora!

PRELETORES INTERNACIONAIS



ALISTER McGRATH

(Participação por meio de uma palestra gravada especialmente para o evento): Professor de Ciência e Religião na Universidade de Oxford, diretor do Ian Ramsey Centre for Science and Religion da Universidade de Oxford, Pesquisador Sênior Associado no Harris Manchester College da Universidade de Oxford, presidente do Oxford Centre for Christian Apologetics, Professor de Divindade do Gresham College, clérigo associado em um grupo de paróquias da Igreja da Inglaterra. Possui pós-doutorado em biofísica molecular e doutorado em teologia pela universidade de Oxford. Seu interesse principal se concentra na história do pensamento cristão, com ênfase particular na relação entre as ciências naturais e a fé cristã. Ex-ateu, o Dr. McGrath é considerado um dos mais influentes pensadores cristãos da atualidade.



JOHN H. WALTON

É professor de Antigo Testamento no Wheaton College. Sua pesquisa recente tem se concentrado em estudos comparativos entre o Antigo Testamento e escritos do antigo Oriente Próximo. Em estudos bíblicos seu interesse particular é o livro de Gênesis. Atualmente, é editor geral de uma série de cinco volumes, The Zondervan Bible Illustrated Backgrounds Commentary, e Editor Geral de 20 vol. da Baker Commentary Series. Recebeu o prêmio Christianity Today - "Award of Merit" de Estudos Bíblicos (2016).



TED DAVIS

É professor de História da Ciência no Messiah College (onde ministra cursos sobre aspectos históricos e contemporâneos do cristianismo e da ciência). Dirige o Fórum Central na Pensilvânia de Religião e Ciência. Publicou dezenas de artigos sobre a história do cristianismo e da ciência. Seu projeto atual, apoiado pela National Science Foundation e John Templeton Foundation, examina as atividades religiosas e crenças dos cientistas americanos proeminentes do período entre as duas guerras mundiais. Foi presidente da American Scientific Affiliation (ASA) entre os anos de 2009 e 2010.



ANDREW BRIGGS

É professor de nanomateriais na Universidade de Oxford. Coordenou vários projetos interdisciplinares, com grande patrocínio industrial de empresas como a BNFL, Toppan, Hitachi, e Hewlett-Packard. Tem mais de 540 publicações, a maioria em revistas indexadas internacionalmente, com mais de 7.000 citações. É professor do Colégio de St Anne, membro emérito da Wolfson College, membro honorário da Royal Microscopical Society e membro do Instituto de Física. Ele tem uma licenciatura em Teologia pela Universidade de Cambridge. Ele atua no Conselho de Administração da Ian Ramsey Centre. É membro do Conselho Internacional de Consultores da Fundação John Templeton, sendo responsável por propostas da Templeton World Charity Foundation.



ARD LOUIS

É professor de Física Teórica da Universidade de Oxford, onde ele lidera um grupo de pesquisa interdisciplinar estudando problemas na fronteira entre a química, física e biologia. É diretor de estudos de pós-graduação em física teórica. É um associado do Instituto Faraday para Ciência e Religião. Ele tem escrito para a Fundação BioLogos, onde desde 2011 faz parte do Conselho Administrativo. Antes de seu cargo na Universidade de Oxford, ele ensinou Química Teórica na Universidade de Cambridge, onde ele também foi diretor de estudos em ciências naturais na Hughes Hall.

PRELETORES ABC²



ROBERTO COVOLAN

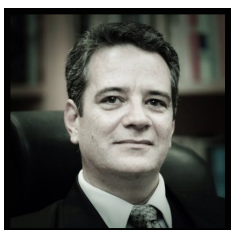
É físico e professor da Unicamp. Obteve seus títulos de Mestre em Física (1985) e Doutor em Ciências (1989) no Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com trabalhos em física de partículas na área de fenomenologia hadrônica a altas energias. A partir do ano 2000, passou a desenvolver atividades como colaborador do Laboratório de Neuroimagem (LNI), da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, visando desenvolver estudos sobre dinâmica cerebral através de ressonância magnética funcional. Criou, em 2005, um novo grupo de pesquisa no IFGW, o Grupo de Neurofísica, que coordena desde então. É diretor geral do projeto ABC².



GUILHERME DE CARVALHO

É formado pela Escola Superior de Teologia do Mackenzie, mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Evangélico, pastor, é diretor de L'Abri Fellowship Brasil e membro da equipe pastoral da Igreja Esperança. Suas especialidades são a teologia filosófica e a filosofia da religião, especificamente em suas aplicações para a teologia espiritual e a apologética cultural. É diretor de conteúdo do projeto da ABC².

PRELETORES NACIONAIS



DAVI GOMES

Graduado e Mestre em Teologia Sistemática e Hermenêutica pelo Theological Seminary of the Reformed Episcopal Church/Philadelphia Theological Seminary – 1990, graduado em Planejamento, Gestão Pública e Comunitária pela University of Massachusetts – 1994 e Doutor (Ph.D.) em Estudos Históricos, Teológicos e Apologética pelo Westminster Theological Seminary em 2000. Ele é atualmente o presidente da Comissão de Relações Intereclesiásticas da Igreja Presbiteriana do Brasil (CRIE-IPB). É pastor da Igreja Presbiteriana Paulistana e chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



TARCÍZIO CARVALHO

Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (1990) e Mestre em Teologia Exegética com concentração em A. T., pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (Th.M, 1998). Graduado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004). Mestre em Metodologia da Pesquisa com ênfase no A. T. pela Vrije Universiteit Amsterdam, e atualmente doutorando no Antigo Testamento pela Protestantse Theologische Universiteit Kampen. Coordena a Especialização em Teologia Pastoral e o Centro de Línguas Andrew Jumper (CLAJ). Revisor teológico-filosófico do Sistema Mackenzie de Ensino.



MAURO MEISTER

Fez mestrado em Teologia Exegética do A. T. no Covenant Theological Seminary, nos EUA, e doutorado (Ph.D) em Línguas Semíticas, com especialização em hebraico, na Universidade de Stellenbosch, na África do Sul. É presidente do Conselho de Educação Cristã e Publicações da Igreja Presbiteriana do Brasil e membro do Conselho Editorial da Cultura Cristã. É Diretor Executivo da Associação Internacional de Escolas Cristãs (ACSI). É autor do livro “Lei e Graça” e de artigos na revista Fides Reformata.



FILIPE FONTES

Mestre em Teologia com concentração em Filosofia pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (2009), e em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012). Doutorando em Educação, Arte e história da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É ministro presbiteriano desde fevereiro de 2006. Professor de disciplinas da área de Cultura Geral (Filosofia e Sociologia) no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (JMC); Consultor Teológico-Filosófico do Sistema Mackenzie de Ensino (SME) e editor de resenhas da Revista Fides Reformata.



PROGRAMAÇÃO BÁSICA

QUINTA-FEIRA - 17 DE NOVEMBRO
TEMA GERAL: LENDO AS ESCRITURAS

PRELETORES:

John Walton
Tarcízio Carvalho
Mauro Meister

SEXTA-FEIRA - 18 DE NOVEMBRO
TEMA GERAL: LENDO A CRIAÇÃO

PRELETORES:

Ard Louis (a confirmar)
Andrew Briggs
Filipe Mendes
Roberto Covolan

DESTAQUE: Fundação da ABC

SÁBADO - 19 DE NOVEMBRO
KEYNOTES

PRELETORES:

Ted Davis
Andrew Briggs
Davi Gomes
Guilherme de Carvalho

EXTRA (a definir data)

Alister McGrath (vídeo)

C U R S O

Online



CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ



Cristãos
na Ciência

AKET

Associação Kuyper para
Estudos Transdisciplinares

O projeto da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência em parceria com a Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares oferece agora para você o CURSO CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ. A oferta deste curso chega para sanar a falta de iniciativas educacionais que promovam o diálogo entre fé e ciência e pela necessidade de estabelecer um debate maduro e consistente do ponto de vista científico e teológico.

O curso pretende mostrar a relação entre cristianismo e ciência como uma questão real e importante a ser abordada em diferentes ambientes como igrejas, escolas, universidades etc., dando-lhe um sentido de urgência e relevância. Além disso, o curso visa capacitar pessoas para introduzi-las nos campos de interação entre ciência e fé e, assim formar pessoas capazes e motivadas a promover outros cursos ou debates.

As inscrições para a próxima turma serão abertas no segundo semestre de 2016. São cinco módulos com uma aula por semana e 90 horas-aula no total.

Inicialmente será dado um questionário diagnóstico para identificar o conhecimento prévio de cada aluno em relação ao conteúdo do módulo, seguido de uma questão mobilizadora que o orientará no contato com o conteúdo. Assim, o aluno terá uma noção inicial do que ele sabe (e do que não sabe) sobre o conteúdo do módulo e irá mergulhar nas aulas tendo como direcionador uma questão cuja resposta deve obter ao final do módulo.

Em seguida, ocorrem as atividades de aprofundamento do conteúdo, organizado em aulas e apresentado na forma de texto ou hipertexto, com o uso de recursos como (vídeos, papers, livros, etc). Em cada aula, o aluno realizará atividades previstas para serem feitas por meio do estudo autônomo e colaborativo, no ambiente virtual de ensino e aprendizagem (plataforma EaD).

Para isso, o curso será desenvolvido por meio de leituras, interações com objetos de aprendizagem e atividades realizadas no ambiente virtual do curso.

Módulo 1 - Teologia e Ciência - 4 aulas

O Módulo de Teologia e Ciência tem o objetivo de esclarecer os principais fundamentos da Teologia Cristã e da Ciência, dando especial enfoque na relação entre ambos. Serão abordados: os Fundamentos da cosmovisão cristã; Introdução à História e Filosofia da Ciência; Relação entre Teologia e Ciência; e a Fé cristã e o desenvolvimento da ciência moderna, entre outros.

Módulo 2 - Física - 3 aulas

O Módulo de Física visa compreender o papel da Física na concepção da ciência moderna, concebê-la como ciência destinada à investigação do mundo natural e estabelecer a relação de algumas de suas áreas com a Religião e a Teologia. Serão abordados: o modelo heliocêntrico e a interpretação Bíblica; A origem do Universo e o modelo do Big Bang; Isaac Newton e o nascimento da Física; e sistemas caóticos na natureza e ação divina.

Módulo 3 - Biologia - 2 aulas

O Módulo de Biologia busca auxiliar na compreensão dos conceitos relacionados aos modelos explicativos para a origem e evolução do universo e da vida, considerando as suas implicações na leitura adequada do livro de Gênesis.

Módulo 4 - A Mente - 2 aulas

O Módulo da Mente visa compreender os fundamentos relativos à neurociência e a relação destes com o ser humano e a experiência espiritual. Algumas das questões tratadas são: seria o ser humano apenas uma máquina constituída por células e neurônios? Há algo no ser humano que transcende a neurociência? O que a neurociência tem a dizer sobre a experiência espiritual?

Módulo 5 - Ética e Tecnologia - 3 aulas

O Módulo de Ética e Tecnologia apresenta os principais aspectos relacionados à Bioética e suas implicações; considera um ponto de vista cristão a respeito da tecnologia como resposta às necessidades humanas e suas consequências sobre o meio ambiente. Serão abordados: a degradação do meio ambiente e perspectiva cristã sobre a crise ambiental; história da tecnologia; fé cristã e desenvolvimento tecnológico; e fundamentos de Bioética. Algumas das questões tratadas são: teria a ciência autoridade para arbitrar sobre questões relacionadas ao aborto, pesquisas com células-tronco embrionárias e eutanásia?

Grupo de Estudos

Aprender com os que vieram antes de nós!

por Pedro Dulci

O grupo de estudos em Goiânia está funcionando desde o segundo semestre do ano passado e já é possível ver os frutos. Goiânia é uma das cidades-pólo da ABC², sempre reunindo grandes grupos em nossos encontros e apoiando nossas divulgações. Confira como o grupo está funcionando e como é fácil criar um em seu estado!

Muitos jovens cristãos alimentam o sonho de, ao entrar na universidade para desenvolver seus dons na área da pesquisa científica, encontrar colegas de profissão altamente capacitados e que compartilham da mesma fé em Cristo. Talvez essas sejam as duas primeiras frustrações ao ingressar na academia: deparar-se com muitos colegas de curso que simplesmente querem sair o mais rápido possível da universidade e que, quando tem algum relacionamento com Cristo, não conseguem articulá-lo com sua pesquisa acadêmica. Não é sem motivo, portanto, que os ministérios paraeclesiais na universidade ocupam-se em evangelizar as pessoas ali dentro.

No interior dos objetivos da ABC², de promover a interação entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil, encontra-se um elemento-chave para superarmos o abismo mencionado acima. Trata-se dos grupos de estudo locais. Através da seleção de uma biografia mínima para o aprofundamento das questões envolvendo o diálogo entre ciência e religião, os grupos de estudo fornecem-nos um espaço privilegiado para pensarmos nosso papel de cristãos na ciência.

Quando tomamos consciência da trajetória pessoal de renomados cientistas internacionais que se mantiveram cristãos em suas áreas de trabalho, percebemos como influências de pessoas, professores, livros e grupos de interesse foram determinantes para a sustentação de sua fé. O livro *O Teste da Fé* (2013) deixa claro como

é imprescindível para a consolidação do papel do cristão na ciência aprender com os que vieram antes de nós.

Essa consciência tem determinado os rumos dos encontros locais em Goiânia. Duas vezes por mês, aos fins de semana, pessoas de diversas áreas do conhecimento se reúnem para conhecer a trajetória de cristãos na ciência e pensar seu próprio lugar na pesquisa acadêmica. Já estudamos o livro *O Teste da Fé* e agora estamos lendo juntos *Fundamentos do Diálogo entre Ciência e Religião*, de Alister McGrath (Edições Loyola).

Nesse grupo, além de vários estudantes e professores de áreas totalmente diferentes, também temos posicionamentos distintos sobre o modo de acomodar ciência e religião – como também opiniões específicas sobre questões polêmicas. No entanto, essas diferenças são amenizadas pela disposição de nos relacionarmos e de aprendermos juntos as formas de ocuparmos o espaço científico mantendo nossa fé operante.

Na verdade, é justamente a convicção comum de que estamos unidos a Cristo pela mesma fé que reorienta e reorganiza nosso desejo de continuar aprendendo e aprofundando-nos nas nossas investigações. Encontramos no grupo de estudo local aquele ambiente onde a pesquisa científica de ponta é considerada um trabalho sério e também um meio de glorificarmos a Deus.

Como formar um grupo de estudos

Para criar um grupo é muito fácil. Basta reunir pessoas que tenham interesse em aprender mais sobre os temas que envolvem o diálogo Fé cristã e ciência. Não é preciso ter conhecimento aprofundado ou específico. É importante ter interesse e estar aberto a aprender.

O trabalho do projeto da ABC² é feito a muitas mãos e contamos com as suas. Acesse nosso site e saiba mais. Se você estiver interessado em abrir um grupo, envie-nos e-mail para receber as informações detalhadas. > contato@cristaosnaciencia.org.br



This project/ publication was made possible through the support of a grant from Templeton World Charity Foundation, Inc. The opinions expressed in this publication are those of the author(s) and do not necessarily reflect the views of Templeton World Charity Foundation, Inc.



CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ



A série "Ciência e Fé Cristã" abre espaço para discutir de forma densa e profunda temas atuais da relação entre a teologia cristã e o campo científico. O plano é publicar doze livros nos próximos dois anos. Os primeiros três títulos são A Ciência de Deus – Uma Introdução à Teologia Científica, de Alister McGrath, Verdadeiros Cientistas, Verdadeira Fé, com Francis Collins, Alister McGrath, John Houghton, entre outros, e Fé, Esperança e Tecnologia – Ciência e Fé em uma Cultura Tecnológica, de Egbert Schuurman. A série "Ciência e Fé Cristã" é uma parceria com a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência e apresenta perspectivas cristãs sobre campos diversos, como a teologia natural ou teologia da natureza, filosofia da tecnologia, biologia e teoria evolucionária, história da ciência, temas de filosofia da ciência, neurociências, física e cosmologia, e a relação entre a Bíblia e a ciência. Com isso, convida a todos aqueles que queiram mergulhar nesse fantástico universo de debates, conhecimentos e questões que tocam a nossa existência.

Sobre os autores

- Alister McGrath é professor de teologia histórica na Universidade Oxford, doutor em biofísica molecular e teologia também por Oxford e presidente do Centro Oxford para Apologética Cristã. Autor de Como Lidar com a Dúvida e Teologia Pura e Simples.

Série de livros publicada em parceria com a Editora Ultimato.



Onde comprar:

www.ultimato.com.br
31 3611-8500

